



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16447 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT24 - Educação e Arte

O RITUAL DE BAIÃO DE PRINCESAS COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA ANTIRRACISTA NO ENSINO DE ARTE

Luis Felix de Barros Vieira Rocha - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Georgina Helena Lima Nunes - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão

## O RITUAL DE BAIÃO DE PRINCESAS COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA ANTIRRACISTA NO ENSINO DE ARTE

---

**RESUMO:** O estudo investiga a viabilidade de utilizar o ritual de Baião de Princesas como possibilidade pedagógica antirracista no ensino de arte. O ritual é ligado a cura/pajelança que ocorre dia 13 de dezembro para entidades espirituais femininas, na qual somente mulheres dançam incorporadas e traz uma gama de expressões artísticas (artes visuais, dança música e teatro), podendo ser inseridas no ensino de arte numa perspectiva de educação antirracista. Para o embasamento teórico temos: Barbosa (2008), Candau (2000), Fanon (2008) dentre outras. Tal abordagem nos permite concluir que o ritual possui uma gama de expressão artística e é possível estimular a sensibilidade estética e o respeito a diversidade, combatendo o racismo e intolerância religiosa no espaço escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Arte; Antirracismo; Baião de Princesas

### 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), investiga as práticas pedagógicas antirracistas no ensino de arte. Um dos focos é o Ritual de Baião de Princesas da Casa Fanti Ashanti, localizado em São Luís - MA,

oferecendo uma base para discussões profundas sobre esse tema. A questão que permeia este estudo está centrada na seguinte indagação: de que forma o Ritual Baião de Princesas, enquanto manifestação religiosa afro-maranhense, pode possibilitar uma prática pedagógica para o(a) Arte-Educador(a) na perspectiva antirracista?

Nesse contexto, o objetivo geral é identificar as possibilidades do ritual afro-maranhense Baião de Princesas constituir-se como uma ferramenta que possibilite ao(a) Arte-Educador(a) uma educação antirracista. Entendemos que a escola é um ambiente diversificado, reunindo estudantes, professores(as) e funcionários(as) de diversas origens, culturas e crenças. Essa diversidade enriquece o ambiente escolar, promovendo a troca de experiências, ideias e saberes.

O sistema educacional brasileiro historicamente exclui e marginaliza a população negra, reproduzindo práticas racistas que perpetuam desigualdades sociais e educacionais. Segundo Fanon (2008), a cultura e a história negra são frequentemente ignoradas, resultando na exclusão dessa cultura do currículo escolar. Munanga (1999) aponta que o currículo brasileiro é racista e invisibiliza a população negra, marginalizando sua história e cultura. Em contraste, o Baião de Princesas, um ritual afro-maranhense realizado em 13 de dezembro na Casa Fanti Ashanti em São Luís do Maranhão, celebra a cultura negra. Este ritual festivo, composto exclusivamente por danças e incorporações de entidades espirituais femininas, é caracterizado pelo hibridismo cultural, combinando liturgias católicas, cânticos europeus, indígenas e negros, além de elementos africanos e instrumentos de cura.

A metodologia da pesquisa é fundamentada no Estudo de Caso, utilizando ferramentas etnográficas. Ao explorarmos o ritual do Baião de Princesas, realizaremos uma observação detalhada e uma descrição densa do fenômeno investigado. Além disso, empregaremos uma abordagem baseada na experiência, abrangendo planejamento, técnicas de coleta de dados e análise, conforme sugerido por autores como Yin (2015) e Martcci (2001).

A pesquisa revela que a educação decolonial busca desconstruir modelos educacionais que perpetuam a colonialidade do saber. Segundo Wash (2019), Oliveira (2014) e Candau (2016), a pedagogia decolonial visa reinventar a sociedade e desafiar as estruturas epistêmicas tradicionais, propondo o desaprender do conhecimento prévio. Nesse contexto, práticas pedagógicas antirracistas no ensino de arte, a partir do Ritual de Baião de Princesas, podem incluir estratégias para combater o racismo e valorizar a cultura afro-brasileira. Integrar as expressões artísticas do ritual nas aulas de arte, de forma crítica, permite que os alunos conheçam e respeitem uma cultura diferente, entendendo suas manifestações artísticas e sua conexão com religião e tradições.

## 2 O OLHAR DO ARTE/EDUCADOR SOBRE O RITUAL DE BAIÃO DE PRINCESAS

Para entender o mundo ao nosso redor, é crucial ativar nossa percepção, um fenômeno complexo que envolve a interação entre sentidos e cognição. Merleau-Ponty (2018) descreve a sensação como uma experiência imediata e pura de impacto momentâneo, um "choque" direto e instantâneo. A percepção, por sua vez, é um processo ativo de interpretação, moldado por nosso repertório cultural e experiências passadas e futuras.

Durante a visita à Casa Fanti-Ashanti e a participação no ritual Baião de Princesas, vivenciamos uma experiência sensorial e estética rica e emocional. Esse ritual apresentou manifestações artístico-religiosas que proporcionaram uma compreensão profunda e complexa devido à intensidade das emoções e sensações. O ritual não só celebra e preserva tradições afro-maranhenses, mas também revela como identidades coletivas e individuais são formadas e afirmadas ao longo do tempo. Através de suas expressões simbólicas, o ritual demonstra resistência, adaptação e renovação cultural, ilustrando a interação contínua entre o passado e o presente na construção das identidades.

---

As religiões afro-brasileiras através de suas festas ritualísticas conservam e atualizam a memória de sua ancestralidade, por meio da dança, música, narram a história do cotidiano das entidades. De acordo com Araújo (2021, p. 52), “a festa é então a atualização da memória ancestral transposta por ações, gestos, danças, que contam os momentos da história das divindades e conseqüentemente da comunidade”.

Figura 1 – Princesas do Baião e o jogo cromático



Fonte: Aatoria Própria (2022)

Durante a observação do ritual Baião de Princesas, vivenciamos uma experiência estética que transcendeu a simples percepção sensorial, mergulhando em um estado de profunda imersão e contemplação. Esse êxtase, comum em manifestações artístico-culturais, proporcionou uma sensação de conexão com uma realidade superior ou transcendente, marcada por uma intensa transformação interior.

A experiência direta com elementos ritualísticos como música, dança e símbolos revelou a beleza de forma imediata, sem necessidade de interpretações intermediárias. Segundo Merleau-Ponty (2018), a visão apresenta o Ser de maneira direta e pessoal, baseada na "presença originária", e a percepção vai além dos fatores físicos e fisiológicos, revelando a essência dos seres através da experiência bruta.

O ritual Baião de Princesas, típico das religiões de matriz africana, integra arte e espiritualidade de maneira indissociável, refletindo um profundo patrimônio cultural e espiritual. A dança ritual transcende o físico, conectando-se ao sagrado e espiritual. Viana (2013) afirma que entender o "ser" e "fazer" nessas manifestações é crucial para reconhecer a ritualização cultural. Assim, a dança no ritual não só é estética, mas também um ato de devoção e um meio de transformação coletiva e pessoal.

Figura 2 – Dança ritual das princesas



Fonte: Márcio Vasconcelos (2022)

A diversidade de instrumentos no Baião de Princesas evidencia a integração de novos elementos musicais na prática tradicional. Ao contrário dos rituais de Tambor de Mina, que usam predominantemente abatas, ferro e cabaça, o Baião de Princesas se destaca pelo uso de instrumentos de corda, sopro e sanfona, como violão e sanfona. A inclusão de equipamentos modernos, como caixas de som, demonstra uma adaptação e experimentação musical nos rituais. Enquanto os instrumentos tradicionais, como cabaças e pandeiros, mantêm a continuidade das tradições artesanais, a adoção de novos instrumentos reflete uma dinâmica cultural de adaptação e inovação, ressaltando a função sagrada e a evolução das práticas musicais no contexto ritualístico.

---

Figura 3 – Músicos com seus respectivos instrumentos



A troca de indumentária das Vodunsis durante o ritual destaca a performance visual e estética do Baião de Princesas e de outras festas religiosas afro-brasileiras, introduzindo dinamismo e teatralidade que atraem os participantes. Schechner (2012) afirma que a performance é composta de comportamentos codificados e transmissíveis, criados por interações entre o jogo e o ritual. Segundo Merleau-Ponty (2018), a experiência corporal das vodunsis destaca a importância da percepção sensorial e da corporeidade na compreensão estética. As blusas brancas com mangas largas, rendadas e bordadas criam uma experiência visual e tátil que embeleza e envolve participantes e observadores, integrando o corpo e o espírito na vivência estética do ritual e sublinhando a importância da corporeidade na experiência do sagrado.

Figura 4 – Princesas e seus adereços



Fonte: Márcio Vasconcelos

Dessa forma, a apresentação das Vodunsis, a troca de paramentação durante o ritual, o movimento corporal coreográfico, “foi ao encontro do espectador através de suas qualidades rítmicas, gestuais, vocais, visuais da performance, a expressão sensível realizada” (Santos, 2021, p. 46), tornando-se uma performance ritualística. Dessa forma, a emoção é central para a experiência estética e ganha significado quando se manifesta através de um ato intencional e expressivo. Portanto, a coreografia espacial, não é apenas uma questão de organização, mas um elemento vital que dá forma e profundidade às emoções e à espiritualidade

presentes no ritual.

## 2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISMO DO(A) ARTE/EDUCADOR(A)

O ensino voltado para o combate ao racismo na escola busca desconstruir narrativas eurocêntricas dominantes, valorizando saberes e culturas marginalizadas e para que isso seja consolidado é necessário revisar currículos para incluir perspectivas não hegemônicas, promover reflexões acerca da discriminação racial, e capacitar professores(as) para abordar essas questões de forma sensível e crítica.

A partir da reflexão acima, Pinheiro (2023, p.23) nos revela a função da educação:

A educação tem a função ontológica de socializar os conhecimentos sistemáticos produzidos historicamente pelo coletivo com as novas gerações, de modo que não precisamos reinventar a roda a cada novo tempo; nos apropriamos dos saberes já postos e damos continuidade ao mundo, elaborando o novo constantemente, superando e construindo a história por rupturas ou por incorporação.

O combate ao racismo na escola exige que os professores integrem perspectivas históricas não hegemônicas de forma crítica e consciente nos currículos. Eles desempenham um papel fundamental na desconstrução de narrativas eurocêntricas, na promoção do respeito à diversidade étnico-racial e na reflexão sobre privilégios e injustiças sociais. Isso ajuda os alunos a compreender as raízes e manifestações contemporâneas do racismo e a valorizar as culturas afro-brasileiras, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Historicamente, a educação artística no Brasil tem refletido práticas coloniais, o que influencia os cursos de arte nas universidades, conforme observado por Ana Mae Barbosa (2022). Integrar a educação antirracista no ensino de arte é desafiador, especialmente para professores sem formação específica. A falta de preparo dificulta a valorização da diversidade cultural e a desconstrução de estereótipos. Ensinar arte de forma antirracista requer desestabilizar as estruturas de poder no currículo e adotar metodologias decoloniais, questionando narrativas eurocêntricas e celebrando a diversidade cultural e artística. Integrar a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) no ensino de arte amplia a compreensão dos alunos sobre diversidade e capacita-os a desafiar narrativas hegemônicas que marginalizam diversas expressões culturais.

O antirracismo visa combater o racismo e suas diversas manifestações,

buscando acabar com formas arcaicas de opressão, conforme Taguieff (1997). Ele é uma prática humanitária destinada a erradicar a barbárie no comportamento humano em várias esferas, incluindo a escola e o currículo escolar. A Arte/Educação antirracista deve ser vista como um meio de empoderar e mobilizar, desafiando formas de dominação. Oferecendo conhecimento e promovendo reflexões críticas, ela permite que os alunos questionem e transformem estruturas injustas e opressivas, criando um espaço para a mudança efetiva.

Rufino (2021) defende que a educação deve integrar dimensões políticas, éticas e estéticas, e se comprometer com a diversidade para ser um meio eficaz de descolonização. Ele considera que a principal tarefa da educação é promover a descolonização, formando indivíduos capazes de oferecer respostas inovadoras e criar novas formas de viver. Em resumo, a educação deve transformar nossa compreensão e maneira de habitar o mundo, desafiando estruturas colonizadoras e promovendo a diversidade.

As práticas pedagógicas antirracistas no ensino de arte devem respeitar e valorizar as culturas afro-brasileira, africana e indígena, conforme as leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008. Ramos e Siqueira (2022) destacam que o campo do ensino de arte antirracista está em expansão, sendo explorado por pensadores negros e indígenas na América Latina. Essas práticas são fundamentais para integrar perspectivas étnico-raciais na educação artística e alinhar-se com a legislação. Ferraz e Fusari (2009) apontam que mudanças no currículo surgem de mobilizações políticas e sociais, e que a ausência de uma educação antirracista contribui para a marginalização das culturas não europeias, perpetuando o racismo estrutural.

A arte europeia dominante no currículo escolar brasileiro faz com que a arte brasileira seja vista como periférica, destacando principalmente influências da Itália e França (Cardoso Júnior, 2017). Para combater isso e promover a diversidade cultural e étnica, os professores devem desafiar essas normas e adotar uma abordagem antirracista no ensino de arte. Propomos uma "pedagogia artística afro-religiosa", baseada em um pressuposto decolonial, que valoriza as religiões de matriz africana e suas expressões artísticas. Essa abordagem utiliza artes visuais, dança, música e teatro para explorar experiências estéticas afro-religiosas e oferece ferramentas pedagógicas antirracistas.

Introduzir elementos do Tambor de Mina no ensino de arte pode ajudar os alunos a compreender a diversidade de dialetos africanos e sua expressão musical, estimulando a imaginação e a interpretação. O estudo das cores, como as usadas em guias e rosários, proporciona compreensão das simbologias religiosas, e a inclusão de fotografias dos rituais facilita a leitura visual dos significados. Barbosa (1998) destaca que a imagem é crucial para a aprendizagem informal. Explorar a



dança ritual das religiões afro-brasileiras enriquece a prática docente, promove novas identidades e visões de mundo, e valoriza as culturas afro-brasileiras, criando um ambiente de resistência e respeito.

Explorar elementos artísticos na escola enriquece o repertório cultural dos(as) alunos(as) e promove uma educação antirracista. Para os(as) alunos(as) negros(as), isso ajuda a reconhecer e enfrentar as opressões na sociedade, enquanto para os(as) não negros(as) aprendem a respeitar e valorizar a diversidade cultural e étnica. O antirracismo visa a valorização de cada indivíduo e a promoção da igualdade, superando obstáculos ao bem-estar coletivo (Taguieff, 1997).

Uma educação antirracista deve ir além do ensino, promovendo ativamente o respeito e enfrentando o racismo. O(a) professor(a) de arte deve engajar os alunos em questões raciais e fomentar uma pedagogia que estimule o pensamento crítico e a realização pessoal (hooks, 2020). Assim, o aprendizado se torna um processo ativo, permitindo que os alunos se tornem protagonistas de suas histórias e contribuam para uma convivência mais justa e igualitária.

### **3 CONCLUSÃO**

Concluimos que a educação antirracista se torna cada vez mais necessária em nossa sociedade, principalmente no ambiente escolar, que é um espaço de formação de indivíduos e de promoção da igualdade e do respeito à diversidade étnico-racial. Uma das principais formas de promover a educação antirracista é através formação dos(as) professores(as), que são responsáveis pelo desenvolvimento intelectual, social e político dos(as) estudantes.

Incluir o Baião de Princesas no Ensino de Arte pode ser uma forma de promover uma reflexão profunda que resulte em transposições didático, pois é um ritual que possui uma rica expressão artística, permitindo uma experiência estética para quem observa. Segundo Silva (1994, p.120) "a experiência estética na religião afro-brasileira [...] é uma vivência ritualística que envolve a comunicação com forças divinas e ancestrais, a carga emocional da participação coletiva, a expressão corporal e vocal da fé [...]". A inclusão dessa temática no currículo de arte, os(as) discentes têm a oportunidade de conhecer e apreciar a estética e a simbologia dessa religião, e como promotora de um conteúdo pedagógico crítico e reflexivo como pressuposto de uma educação que ao ser laica, não desconsidera dimensões sociais da vida cotidiana, entre elas, a religiosa, como elemento propulsor de uma escolarização voltada à uma formação humana, à igualdade e equidade.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Alisson. **CORPO (EM)CRUZO**: a teatralidade de encantamento da macumba. In: Arte e estética na educação: olhares sensíveis sobre corpo, formação docente e educação estética/ Carla Carvalho, Marco Aurélio da Cruz Souza (organizadores) - Curitiba: CVR, 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **LUTAS PELA DECOLONIZAÇÃO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO**. Revista VIS v. 21 • n. 2 • JUL/DEZ 2022.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: Uma educação “outra”?**. Rio de Janeiro: Letras, 2016.

CARDOSO JUNIOR, Wilson. **Ensino de Artes Visuais em Perspectiva Eurocêntrica: Um Estudo de Caso no Colégio Pedro II**. 38 Reunião Nacional da ANPED, 2017.

FANON, Frantz (2008). **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. Revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2009.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

MARTUCCI, Elisabeth Marcia. **Estudo de Caso Etnográfico**. [Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 25, n. 2, 2001, p. 167-180.]

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 5° ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra**, 1999.

OLIVEIRA, Rachel de Souza da Costa e. **Intolerância religiosa na escola: uma reflexão sobre estratégias de resistência à discriminação religiosa a partir de relatos de memórias de adeptos da Umbanda**. / Rachel de Souza da Costa e Oliveira; orientadora: Denise Pini Rosalem da Fonseca. – 2014.

PINHEIRO, Barbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RAMOS, J. S.; SIQUEIRA, T. B. L. **Ensino de Arte e Educação Antirracista: Perspectivas Pedagógicas e Políticas na Atuação docente**. Moringa: artes do espetáculo, João Pessoa, v.13, n.1, p.73- 93, 2022.

RUFINO, Luiz. **Vencendo Demanda: a educação e descolonização**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Inaicyrá Falção dos. **Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. 5º edição, editora CRV, Curitiba, 2021.

SCHECHNER, Richard. **“O que é performance?”**, em Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51. 2006.

SILVA, Bagner Gonçalves da. **Estética na religião afro-brasileira**. In: Revista USP, n. 19, dez/jan/fev 1993-1994, pp.110-120.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. **O Bumba-Meu-Boi como fenômeno estético: Corpo, Estética e Educação**. São Luis: Edufma, 2013.

WALSH, C. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, V. M. Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-32.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman editora, 2015.

